

MFM ADVISOR · RADAR SEMANAL DO AGRO

O tanque e a fronteira: quem redesenha o seu preço

Mandatos de mistura viraram comprador de soja, milho e açúcar. Tarifas e barreiras decidem a receita da exportação. E a China, o driver que por uma década ditou o preço, perde o protagonismo.

EDIÇÃO 04 · 24 DE AGOSTO DE 2026

MFM
ADVISOR RESEARCH

O tanque virou comprador de grão

Antes do consumidor, é o mandato de mistura que puxa a demanda das grandes commodities — no Brasil e nos vizinhos.

No Brasil, a mistura obrigatória de biodiesel está em **B15**, e o governo já testa teores de B16 a B25 entre agosto de 2026 e fevereiro de 2027. A conta da cadeia é direta: cada ponto percentual a mais adiciona cerca de **4 milhões de toneladas** de soja consumidas internamente — a cadeia já destina perto de 35 milhões de toneladas ao biodiesel (estimativas da 7ª Biodiesel Week, via Ubrabio).

Elevar a mistura, porém, não é decisão de mercado, e sim de política — com trade-offs que dividem o setor. Teores mais altos são bem absorvidos por motores novos, mas há resistência técnica legítima quanto a motores mais antigos e à garantia de fabricantes, além do debate sobre qualidade e custo do combustível na bomba. O ponto que interessa ao produtor não é torcer a favor ou contra: a decisão redesenha a **infraestrutura do mercado de grãos** — capacidade de esmagamento, logística de óleo e farelo e a própria formação de preço da soja —, muito além do preço do diesel.

O mesmo movimento aparece no vizinho, agora no milho. A Argentina estuda elevar a mistura de bioetanol

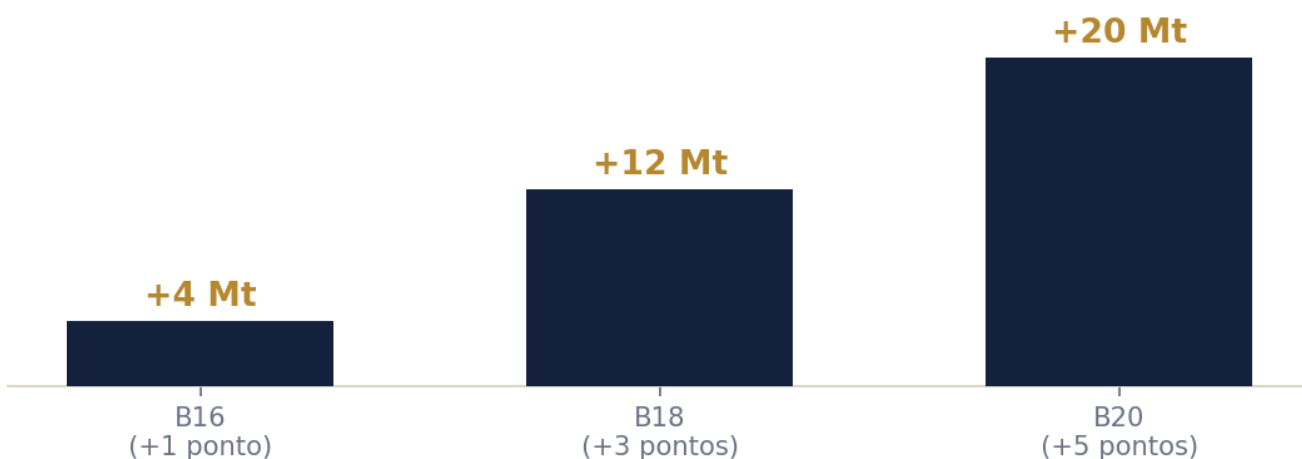
de 12% para **15%**, com produção de etanol projetada em recorde de 1,35 bilhão de litros em 2026 — 60% a partir do milho (USDA). Mais milho no tanque argentino é menos milho no mercado externo. E o Brasil não está sozinho na escala: a Indonésia adotou o **B50** em 2026, subindo do B40. A comparação não é sobre estar "à frente" ou "atrás" — frota e clima diferem —, mas dá a dimensão do vetor: quanto maior o mandato, maior a fatia da safra que deixa de ser alimento para virar energia.

A cana fecha o quadro, disputada entre adoçante e combustível. O açúcar bruto na bolsa de Nova York alcançou **17,47 cents por libra**, o maior nível em mais de 15 meses, puxado pelo El Niño. Do lado da demanda, a Índia autorizou a importação de 1 milhão de toneladas sem imposto até 31 de outubro — após o preço interno subir cerca de 40% em dois meses —, e o Brasil, maior exportador, é o destino natural — e a cana volta a migrar do etanol para o açúcar. De novo, é a política da energia definindo o que se planta.

GRÁFICO 1

Cada ponto de mistura puxa cerca de 4 Mt de soja

Soja adicional consumida por elevação da mistura de biodiesel (base atual B15) · milhões de t



Estimativa da 7ª Biodiesel Week (Ubrabio); cenários dentro da faixa B16-B25 em teste no Brasil. Elaboração: MFM Advisor

A fronteira decide a receita: uma porta fecha, outra abre

Enquanto a União Europeia aperta as exigências, os Estados Unidos abrem uma janela — e o calendário regulatório vira variável de margem.

Se o tanque redesenha a demanda interna, a fronteira redesenha a receita de exportação — e nesta semana ela se moveu nos dois sentidos. A **União Europeia** prepara o aperto mais amplo dos últimos anos: uma proposta da Comissão Europeia prevê zerar os limites máximos de resíduos (LMR) de defensivos vetados no bloco para produtos importados. O peso é grande — o Brasil exportou cerca de **€18 bilhões** em produtos agrícolas à UE no último ano, e 52,8% das exportações agrícolas tratadas com defensivos têm o bloco como destino.

No cenário-limite modelado pelo Centro Comum de Pesquisa (JRC) da própria Comissão, a exportação de soja tratada cairia **até 95%**. É prospectivo, não é regra em vigor — mas define a direção do risco. Na proteína,

a régua já tem data: a partir de **3 de setembro**, novas exigências europeias sobre antimicrobianos passam a valer, e entidades de saúde animal defendem a segregação de cadeias — lotes separados, com rastreabilidade, para o que vai à Europa. Segregar é conformidade que custa: mais controle e, potencialmente, menos produtividade nos lotes destinados ao bloco.

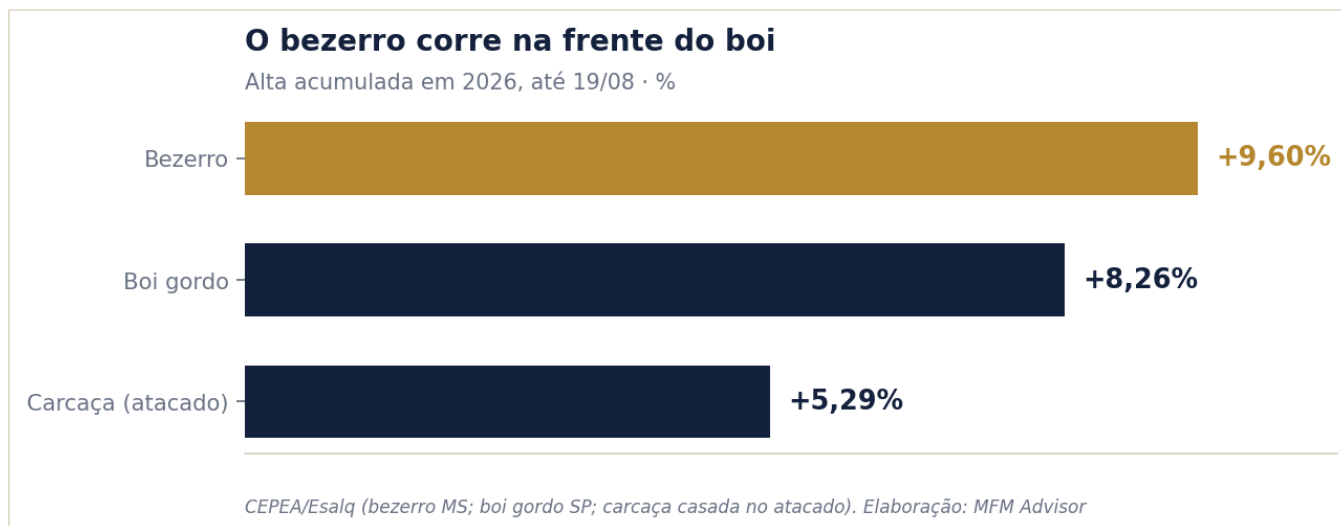
Do outro lado, uma janela. Os **Estados Unidos** abriram uma cota temporária de 300 mil toneladas de carne bovina sem tarifa extra por 90 dias, e o Brasil — que já embarcou 234 mil toneladas aos EUA entre janeiro e julho, alta de 17,1% — pode capturar de **90 a 120 mil toneladas** (projeção Safras & Mercado). É receita adicional com prazo curto: quem estiver habilitado e com logística pronta aproveita; quem não estiver, assiste.

O calendário que mexe na margem: 3 de setembro — novas exigências da UE sobre antimicrobianos; 31 de outubro — fim da isenção indiana para 1 milhão de toneladas de açúcar; janela de 90 dias — cota americana de carne sem tarifa. São datas, não opiniões, definindo receita.

A China comprou menos — e o preço não caiu

O sinal que sempre mandou no agro perdeu o protagonismo: em julho, a China levou metade da carne, e o boi ainda assim subiu.

GRÁFICO 2



A demanda que por uma década ditou o preço da proteína deu um recado contraintuitivo. Em julho, a China comprou cerca de **50% menos** carne bovina brasileira (queda de aproximadamente 100 mil toneladas no mês, 48% abaixo de um ano antes). Pela lógica antiga, o boi gordo cairia. Não caiu: subiu. O motivo foi interno — a produção nacional também recuou cerca de 100 mil toneladas, abrindo um déficit de perto de 30 mil toneladas no mercado doméstico (dados preliminares do SIF; análise de Lygia Pimentel/AgriFatto — Forbes Agro, 18/08). O preço se formou dentro da porteira, não em Xangai.

E dentro da porteira, o custo corre na frente. O **bezerro** — principal insumo de reposição — acumula alta de

9,60% em 2026, à frente do próprio boi gordo (8,26%) e da carcaça (5,29%), segundo o CEPEA. Para quem confina ou recria, é margem apertada por dentro: paga-se mais caro pelo animal de entrada do que se recupera na venda.

Na lavoura, o segundo trimestre confirma a pressão. Custos mais altos — com o fertilizante nitrogenado subindo **até 60%** como principal vetor — comprimiram a rentabilidade das empresas do agro no 2T26. O efeito não é uniforme (há companhias com lucro em alta), mas a direção é de margem espremida pelo custo, não pela receita.

TAMBÉM NA SEMANA

Tapajós. Seca e assoreamento colocam de 5 a 5,5 Mt do Arco Norte sob risco de escoamento, com custo logístico adicional de R\$ 500 a 800 milhões. *CONAB*

Café. Safra recorde no Brasil (cerca de 70 milhões de sacas) derruba o arábica 13% no ano; a bonança colombiana chega ao fim. *Bloomberg Línea*

Biodefensivos. O mercado de biológicos soma R\$ 5,3 bilhões na 25/26, com avanço de 35% na área tratada. *Kynetec*

TAC da Carne. Grandes frigoríficos registram de 97,6% a 100% de conformidade socioambiental na Amazônia no 3º ciclo. *MPF*

Ler o decreto virou tão importante quanto ler o clima

Numa demanda dirigida por política, o calendário regulatório passou a pesar tanto quanto a previsão do tempo na decisão da safra.

Junte as peças e o desenho é claro: a demanda das principais commodities está cada vez menos amarrada ao prato do consumidor e cada vez mais a decisões de política — o mandato de mistura que transforma grão em energia, a tarifa que abre ou fecha um mercado, a régua sanitária que segrega uma cadeia. O sinal clássico, a China, não sumiu; dividiu o palco.

Para o produtor, a leitura prática é que o preço de 2026 tem dois relógios. O do clima e do mercado, que ele sempre acompanhou; e o do regulador — a data da mistura, o prazo da cota, a vigência da barreira —, que

virou variável de primeira linha. Quem lê os dois antecipa; quem lê só um reage tarde.

Há uma ressalva de método: política é vetor de demanda, não garantia de preço. Mandato pode ser adiado, cota expira, barreira é negociada. Por isso o Radar trata cada decreto como probabilidade, não como certeza — e acompanha o repasse. As próximas edições seguem três termômetros: a definição dos novos teores de mistura (B16 e acima), o desfecho da proposta de LMR da União Europeia e o repasse da retração chinesa ao preço da proteína.

Em uma frase: com a demanda sendo redesenhada por decreto, a vantagem fica com quem lê o calendário regulatório com a mesma disciplina com que lê o clima e o mercado.

SOBRE

SOBRE O MFM ADVISOR RESEARCH

O MFM Advisor Research produz análise independente do agronegócio a partir de dado primário — CEPEA, CONAB, USDA, NOAA e órgãos oficiais —, com método explícito, auditável e reproduzível. O Radar é o resumo analítico semanal das notícias que movem a margem da safra.

Conteúdo desenvolvido com curadoria técnica em parceria com o CIAgros/UFLA — Prof. Luiz Gonzaga de Castro Júnior (Chefe do Depto. de Agronegócio, UFLA) e Matheus Marques (Mestre em Administração — UFLA, linha de Negócios Globais e Finanças Corporativas).

Este material tem caráter informativo e não constitui recomendação de investimento, jurídica ou tributária. Dados citados com fonte e data; decisões devem considerar assessoria profissional. © 2026 MFM Advisor · Fabrício Mangia Marques.